



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8127 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

VIVÊNCIAS FORMACIONAIS A PARTIR DE DENTRO: ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA PARA DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Michelle Dantas Ferreira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Adriane Ogeda Guedes - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

VIVÊNCIAS FORMACIONAIS A PARTIR DE DENTRO: ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA COM DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A reflexão aqui apresentada se origina de uma pesquisa de mestrado em andamento, vinculada a uma universidade pública federal do Rio de Janeiro e realizada em um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP), localizado em Acari, Zona Norte da referida cidade. Conta com a proposição de vivências formativas (MACEDO, 2020) pela gestão, uma vez que uma de nós atua nesta instituição como Diretora Adjunta, a um grupo de educadoras, tendo como fio condutor a arte e a Educação Estética. A ideia desta pesquisa é desformar o olhar para a formação docente e para o cotidiano das instituições, em uma perspectiva que busca dialogar com todas as dimensões do humano, desse ser que é inteiro e não pode ser compartimentalizado em suas experiências formativas.

A instituição em que a pesquisa se realiza atende crianças da Educação Infantil (EI) ao 5º ano do Ensino Fundamental I (EF), divididas em dezoito turmas que permanecem na instituição por sete horas diárias (Turno Único).

O grupo docente é composto em sua grande maioria, por profissionais do sexo feminino. Além daquelas consideradas generalistas, por serem responsáveis por todas as áreas do conhecimento, há também as/os professores especialistas de Educação Física, Artes, Música, Inglês e Ensino Religioso. Ainda contamos com uma professora de Sala de Leitura e uma na Sala de Recursos Multifuncional, que atende as crianças que são público alvo da Educação Especial, junto com um Agente Auxiliar de Educação Especial (AAEE).

O calendário escolar das instituições públicas municipais do Rio de Janeiro contava, até 2019, com os Centros de Estudos integrais (8h) e/ou parciais (4h), que poderiam se configurar como espaços-tempo de formação docente a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010), planejados e organizados pelo coletivo da instituição e que por isso, se aproximavam das especificidades e das necessidades daquele grupo. É claro que não podemos esquecer que no cotidiano de uma instituição educacional pululam questões burocráticas que, grande parte das vezes, disputam espaço com as demandas pedagógicas – planejamento, registros, avaliações etc. – e com as necessidades formativas, que acabam relegadas a segundo plano.

Essa é a realidade de muitas instituições educacionais e de docentes que acabam por não terem momentos de elucubração acerca de suas práticas pedagógicas, nem espaços para

se voltarem para si, refletindo sobre seus processos de construção de conhecimento, observando as relações que estabelecem consigo mesmas, seus pares e as crianças.

O conhecimento do mundo moderno é o que está pautado na razão e na ciência. Sendo assim, propor uma Educação Estética que abarque a relação, os sentimentos e as sensibilidades é lutar contra um paradigma que está posto há muitos anos, pois na realidade não se admitia que:

[a] dimensão sensível humana pudesse consistir numa forma de saber; quando muito, a ele se emprestava um estatuto inferior, na medida em que seu grau de subjetivismo não lhe permitia padronização e confiabilidade. [...] sempre [se] desprezou como “não científico” tudo aquilo que, feitos os sentimentos, não pudesse ser objetivado quantitativamente [...] aquilo que não é científico não pode ser considerado um saber ou conhecimento verdadeiro (DUARTE JR., 2000, p. 23).

Contrários a essa lógica do cientificismo, Santos (2001) e Duarte Jr. (2000) ressaltam a importância de percebermos sentido nas relações. Nos relacionamos com os outros e com o mundo por meio dos sentidos. As vivências formacionais propõem essa abertura sensorial, cada vez mais necessária no mundo que se configura.

As vivências propostas são planejadas em 2019, mas se concretizam em tempos de pandemia da Covid-19, como uma possibilidade de respiro e humanização em meio ao mar de incertezas a que ficamos expostos. Nunca tínhamos experimentado situação semelhante e ainda não sabemos como agir. O *Home Office* invadiu nossas vidas e não tivemos tempo para nos acostumar gradativamente com ele. No lugar disso, acabamos soterradas em múltiplas tarefas que tentamos resolver simultaneamente, vivendo ao mesmo tempo, as funções de mães, esposas, profissionais, estudantes, donas de casa. Com isso, não queremos defender a dissociação das facetas que nos constituem, mas sim ratificar a dificuldade de desempenharmos todos os papéis que nos cabem concomitantemente.

Diante disso, pensar no contexto pandêmico e na forma como estamos lidando com ele diz também, da formação estética que tivemos e temos ou da ausência dela. O quanto o cuidado, já desde a Educação Infantil, mas não restrito a ela, é indissociável do educar? O quanto esse cuidado precisa fazer parte também das formações docentes, das nossas relações diárias com amigos, conhecidos, parentes e com aqueles anônimos que cruzamos cotidianamente. Desde muito pequenos somos condicionados a essa lógica que divide razão e emoção. O corpo não tem lugar nas instituições educacionais, ou melhor, ele é transporte e estrutura do que realmente necessita ser “aprimorado”: a mente, o pensar. Sendo assim, as múltiplas linguagens são apêndices que estão à serviço da razão; objetivam um para/por alguma coisa, mas dificilmente um com, por isso, temos que buscar as frestas para atuar.

Sendo assim, as vivências formacionais buscam abrir essas brechas nesse cotidiano de inseguranças, possibilitando a reconexão dos sujeitos. Momentos de pequenas pausas para olharem para si, para o que nos torna humanos: a simbiose entre razão e emoção e a capacidade de elaborarmos e ressignificarmos o vivido. Espaços para percebermos nossa respiração, para habitarmos conscientemente nosso corpo, para explorarmos nossa potência criativa e criadora por meio das linguagens artísticas e da Educação Estética, entendida aqui como o educar das sensibilidades (DUARTE JR, 2000), das relações, do sentido de presença, de empatia e cuidado para com os outros que independem da relação de proximidade que estabelecemos com eles. As formações que normalmente nos são ofertadas não potencializam nossos interesses de pesquisa, não abordam as questões que carregamos, nem consideram a inteireza do nosso ser, de nossas “sensibilidades [...] desenvolvidas e cuidadas [...] como fonte primeira dos saberes e conhecimentos que se pode obter acerca do mundo” (DUARTE

JR. 2010, p. 30-31).

Tudo isso se relaciona com esta pesquisa, que se propõe a pensar em uma formação integral do humano, por meio da Educação Estética, entendendo que não há como descolar a Educação da política, da cultura, da economia, do social. A Educação abordada aqui, não prioriza conteúdos, uma grade curricular e disciplinas. Ela se dá nas relações, no contato com/entre o(s) outro(s) indivíduos, na sensibilização dos corpos que se abrem aos sentidos, que afetam e são afetados, que se solidarizam, que assumem uma postura de presença e cuidado diante da vida, do mundo e dos seres com quem coexistimos. É uma educação da esperança (FREIRE, 2011) que se (trans)forma na ação com a comunidade escolar para dentro – da instituição e de cada indivíduo – e para fora.

Palavras-chave: Formação de dentro. Arte. Educação Estética.

REFERÊNCIAS

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. *A montanha e o videogame: escritos sobre educação*. Campinas/SP: Papyrus, 2010, p. 30-31.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MACEDO, Roberto. *Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes*. Congresso Virtual UFBA, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Seis razões para pensar. In: SANTOS, Boaventura Sousa de; BRANDÃO, Gildo Marçal; VIANNA, Luiz Jorge Werneck. Por que pensar? *Revista Lua Nova*, n. 54, 2001.